

Minha história começa no meu primeiro ano de universidade, um ano repleto de muitas dificuldades.

Meus pais se divorciaram, sofri um acidente de carro e um dos meus amigos faleceu.

Comecei a me perguntar: Por que estou aqui? Qual é o propósito da vida?

Passei a questionar o significado da vida. Como eu era cristão, comecei a buscar respostas.

Fui a um acampamento da igreja, onde encontrei todos cantando palavras que eu não entendia.

Fiz a eles algumas das perguntas que me atormentavam, mas, em vez de abrirem a Bíblia para me dar respostas, cada pessoa simplesmente deu sua opinião pessoal.

As respostas eram inconsistentes, às vezes até contraditórias. Até mesmo o conceito de Deus deles parecia fraco, contraditório e pouco convincente.

Como um deus poderia ser crucificado e sofrer danos?

Percebi que o cristianismo envolvia muita interpretação humana e carecia de clareza.

Enquanto estudava na universidade, trabalhei em um posto de gasolina. Um dos meus colegas era um hindu indiano.

Perguntei a ele sobre o deus hindu com cabeça de elefante. "Você não poderia ter escolhido um deus com cabeça de leão em vez disso?"

O hinduísmo não me atraiu.

Continuei minha busca e pesquisei sobre o judaísmo. No entanto, após uma extensa pesquisa, percebi que o conceito de Deus deles também era contraditório, assim como as incoerências que encontrei entre os padres cristãos.

Portanto, também não encontrei o que procurava no judaísmo.

Por fim, explorei o budismo e pensei que talvez fosse o caminho certo para mim. Mas, à medida que me aprofundava, percebia que aquilo não era, na verdade, uma religião, mas sim um estilo de vida atraente.

Um dia, um amigo me perguntou sobre as religiões que eu havia explorado. Respondi: "Já pesquisei sobre o cristianismo, hinduísmo, judaísmo e budismo."

Ele perguntou: "E o islamismo?"

Respondi: "Nunca vou pesquisar sobre o islã. Por que eu faria isso?"

Mas algum tempo depois, me vi entrando em uma mesquita sem tirar os sapatos, pisando no tapete de oração e quase pisando na cabeça de alguém em prostração.

Foi então que percebi o imã caminhando em minha direção com um sorriso.

Ele disse: "É um belo dia, meu amigo. Como você está?"

Essa recepção calorosa do imã me incentivou a fazer-lhe minhas perguntas — as mesmas que eu havia feito antes.

O que mais me surpreendeu foi que, sempre que eu perguntava algo, eles não respondiam imediatamente. Em vez disso, abriam o Alcorão e diziam: "Leia aqui, meu irmão."

Lá, encontrei respostas claras e lógicas para as minhas perguntas mais difíceis.

Duas semanas depois, perguntei a um dos muçulmanos: "Por que vocês não me dão a opinião pessoal de vocês?"

Ele respondeu: "Quando falamos sobre as palavras de Deus, não damos opiniões pessoais."

Essa resposta teve um impacto profundo em mim.

Levei um exemplar do Alcorão para casa e comecei a lê-lo.

Percebi que não era apenas como ler uma história — era algo que comandava e guiava.

Uma noite, refleti sobre as verdades científicas no Alcorão, como as montanhas sendo como estacas ou a formação do embrião no útero.

Disse: "Ó Deus, guia-me."

Meu estado mudou completamente. Senti que Deus havia me guiado para a verdade, porque um universo tão belo e precisamente projetado não poderia existir sem um Criador.

Decidi me tornar muçulmano e declarei meu testemunho de fé.

No momento em que disse a Shahada, todo medo e dúvida desapareceram da minha mente.

Meu tratamento gentil com meu pai fez com que ele percebesse que o islã é completamente diferente das mentiras espalhadas sobre ele.

Por causa disso, ele me pediu um exemplar do Alcorão.

Estou confiante de que ele em breve aceitará o islã, in shā' Allā